



LORRAINE HEATH

OS SEDUTORES DE HAVISHAM . 2

O SEGREDO DO
Conde

GUTENBERG

O SEGREDO DO
*C*ONDE

OS SEDUTORES DE HAVISHAM . 2
LORRAINE HEATH

O SEGREDO DO
CONDE

TRADUÇÃO: A C Reis

 GUTENBERG

Copyright © 2016 Jan Nowasky
Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Título original: *The Earl Takes All*

Publicado mediante acordo com a HarperCollins Publishers.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Andresa Vidal Vilchenski*

REVISÃO FINAL

Sabrina Inserra

CAPA

Carol Oliveira (Sobre imagem de Shutterstock)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Heath, Lorraine

O segredo do conde / Lorraine Heath ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2018.

Título original: *The Earl Takes All*.

ISBN 978-85-8235-510-7

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

18-12717 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÉNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Tuner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080

Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Para o fantástico Jessie Edwards



— Julia, não sei se isso é sensato.

— Ficar à vontade? — Ela deu um olhar inquisitivo para o marido.

— Provocar-me.

Uma empolgação sacudiu Julia. Sim, eles estavam de luto. Sim, Albert irradiava tristeza. Mas ela ainda tinha poder sobre ele. Julia jogou a gravata de lado e segurou o rosto dele com as mãos, seus dedos dançando na nuca do marido.

— Eu senti tanto a sua falta.

Julia puxou a cabeça dele para baixo, ficou na ponta dos pés e colocou a boca na do marido. Ele passou o braço ao redor dela, puxando-a para perto. Albert deslizou a língua por entre os lábios dela, encaixando-se, e aprofundou o beijo. Ela quase derreteu de encontro a ele.

Desejo. Urgência. Uma necessidade arrebatadora. Estava tudo ali. Nele. Nela. Como se a morte estivesse próxima, esperando, como se com paixão e desejo pudessem afastá-la. Um rugido baixo vibrou através do peito dele e alcançou os seios dela, que estavam colados contra a camisa dele.

O calor entre os dois se intensificou. As mãos dele desceram pelas costas dela, pelos quadris, segurando o traseiro de Julia, puxando-a para mais perto...





Prólogo

Na noite fria e lúgubre de 15 de novembro de 1858, a vida de Edward Alcott perdeu a cor. A companhia de seu irmão Albert foi o que impediu a completa escuridão. O gêmeo de 7 anos de idade, apenas uma hora mais velho que Edward, se tornou o Conde de Greyling quando os pais dos dois meninos morreram em um pavoroso acidente ferroviário.

Dias depois, Albert segurou a mão de Edward quando os irmãos tiveram que se sentar – cumprindo o que esperavam deles – diante dos caixões que continham os restos mortais de seus pais. Na noite depois do enterro, Albert foi dormir na cama de Edward para que não se sentissem tão perdidos e solitários. Enquanto viajavam para Havisham Hall, onde ficaram sob a tutela do Marquês de Marsden, Albert, sem querer, providenciou uma distração, dando a Edward um meio de manifestar sua raiva e frustração quanto à injustiça da vida. Os meninos ficaram o tempo todo se empurrando e batendo um no outro até o advogado que viajava com eles separar os dois. Depois que foram abandonados tão longe de casa, aos cuidados do marquês, Albert garantiu a Edward que tudo ficaria bem, que eles tinham começado a vida juntos, no ventre da mãe, e, portanto, permaneceriam juntos para sempre. Albert foi sempre o porto seguro de Edward, seu consolo, sua constante em todos os assuntos, todas as coisas.

E agora *ela* o estava roubando, com seu cabelo preto sedoso, seus olhos azuis arrebatadores, sua risada doce e seu sorriso gentil. Lady Julia Kenney. Albert foi cegado por sua beleza, elegância e cuidado, permitindo que a dama tomasse muito de seu tempo com cavalgadas no parque, passeios de barco no Tâmis, teatro, jantares e – que Deus o livrasse – saraus de poesia. Ela estava afastando Albert de todos que lhe eram mais próximos, fazendo com que ele abandonasse seu gosto por bebida, prostitutas, jogatina e viagem. Em seis semanas Edward, o Duque de Ashebury e o Visconde Locksley sairiam em uma jornada até o Extremo Oriente. Edward queria que Albert fosse com eles. Aliás, esse era o plano de Albert antes de Lady Julia pedir que ele não fosse. Sem nem pensar duas vezes, Albert cedeu ao desejo da amada e cancelou sua viagem com os companheiros.

Ela tinha seu irmão na palma da mão sem precisar fazer muito mais que bater os cílios e agitar o leque. Isso não podia ser tolerado. Uma mulher não deveria ter tanta influência e controle sobre a vida de um homem.

Edward não sabia muito bem por que tinha seguido Julia do salão de festas até o jardim silencioso e sombrio; também não sabia por que tinha parado para observá-la sair do caminho e desaparecer em meio à cerca de treliça que sustentava as roseiras. Edward só sabia que não podia perder Albert para ela.

Ele hesitou por um breve momento antes de se lançar em uma área onde as sombras eram mais densas, espaço em que o brilho das lâmpadas de gás que iluminavam o caminho não alcançava. Prosseguindo com cuidado até seus olhos se acostumarem com a penumbra, ele a viu, afinal, recostada no muro de pedra. Ela curvou os lábios lentamente, revelando seu sorriso conquistador. Julia parecia muito contente em vê-lo.

Apesar da escuridão, ao se aproximar ele conseguiu enxergar adoração nos olhos dela. Nenhuma mulher jamais olhou assim para ele, como se ela respirasse apenas por causa dele, como se existisse somente para ele e seus prazeres. Edward sentiu um frio na barriga, uma sensação inebriante de supremacia e objetividade.

— Eu pensei que você nunca chegaria — ela sussurrou, numa voz que parecia pertencer aos anjos.

Edward sentiu uma tentação como nunca antes, e aquilo o dilacerou, deixando-o rendido como se estivesse diante do canto de uma sereia. Ele não entendeu o que se passava. Em todos os seus 23 anos, nenhuma mulher provocou nele tal turbilhão de emoções confusas e embaraçosas. Ele deveria ir embora enquanto podia, mas Julia o atraía como se fosse um presente dos deuses criado apenas para ele.

Edward levou a mão ao rosto dela e sentiu a pulsação rápida de Julia em seus dedos; ele acariciou a pele macia com o polegar. Lady Julia soltou um suspiro suave; seus olhos inspiravam doçura.

Ele sabia que aquilo era errado, sabia que iria se arrepender, mas parecia incapaz de ter um pensamento ou uma ação racional. Inclinando-se, ele tomou o que não tinha nenhum direito de possuir; capturou a boca de Julia como se lhe pertencesse, como se fosse sua desde sempre e para sempre.

Julia suspirou de novo, um som mais suave, mais caloroso, que percorreu o corpo dele, fazendo-o ficar tão duro de desejo que ele quase precisou disfarçar. Puxando-a para mais perto, ele inclinou a cabeça e aprofundou o beijo, passando a língua através daquela boca voluptuosa. O sabor dela era de champanhe e morangos. Os braços esguios de Julia envolveram o pescoço de Edward; com os dedos enluvados, ela acariciou as espessas mechas loiras dele. O suspiro se transformou em um gemido acolhedor. O tempo pareceu parar, como os relógios de Havisham Hall. Nada de tique-taque; nenhum badalar, nenhum movimento dos ponteiros.

Ele queria permanecer ali para sempre. Queria que a noite, e cada noite depois daquela, pertencesse apenas a eles dois.

Afastando-se, ele fitou o olhar provocante de Julia. Ela afastou os fios de cabelo caídos na têmpora dele, uma carícia tão delicada que quase não parecia que ela o havia tocado. Julia sorriu, terna.

— Eu o amo tanto, Albert.

O nome do irmão nos lábios dela foi como um soco no estômago que quase o fez ficar de joelhos. O carinho de Julia não era para ele. A paixão dela, o desejo, o calor, não eram para ele. Que grande tolo ele tinha sido por ter imaginado, ainda que por um segundo, que eram! Não que Edward fosse revelar para Julia o quanto ela o tinha afetado, o quanto ele a desejava.

Edward forçou um sorriso diabólico e triunfante.

— Se você realmente o amasse, não seria capaz de perceber a diferença entre nós?

Ashe e Locke eram capazes. Até o louco Marquês de Marsden, que tinha sido o guardião deles, conseguia distingui-los.

— Edward? — Ela sufocou, parecendo que vomitaria o jantar.

A repulsa evidente de Julia foi um golpe vigoroso no orgulho dele, mas mantendo o rosto impassível, ele fez uma reverência exagerada.

— A seu dispor.

— Seu animal. — A mão enluvada de Julia encontrou o rosto dele com uma força inesperada que o fez cambalear para trás.

Ele se equilibrou e inclinou a cabeça.

— Você estava gostando, Julia.

— Lady Julia para você. Quando me casar com Albert, serei Lady Greyling. Insisto que se dirija a mim da forma apropriada. E com toda certeza eu não estava gostando.

— Mentirosa.

— Por que você fez algo tão repugnante, aproveitando-se dessa forma? Como pôde ser tão cruel e traiçoeiro?

Porque ele nunca tinha sido capaz de se proibir a nada que desejasse e, de repente, ele a desejava. Desesperadamente.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou uma voz grave.

Edward se virou e encontrou Albert parado a pouco mais de um metro, com um olhar de curiosidade. Não estava bravo; exibia uma expressão quase de inocência, como se nunca lhe ocorresse que Edward fosse capaz de algo tão hediondo como beijar sua noiva.

— Eu estava à sua espera, como combinamos — Julia disse com doçura, ficando ao lado de Albert e olhando para ele com tamanha adoração que foi como se esfregasse sal na autoestima ferida de Edward. — Edward apareceu e começou a me contar mais detalhes sobre a viagem para o Extremo Oriente de que ele e os outros não param de falar. Vejo que será uma aventura incomparável. Ele gostaria tanto que você fosse.

Edward odiou se sentir grato pela mentira que ela inventou, mas sabia que Albert nunca o perdoaria se soubesse que ele tinha se aproveitado de Julia. Ele se perguntou por que ela não contou a

verdade, por que não aproveitou a oportunidade para criar um abismo entre os irmãos que nunca poderia ser transposto. E mais, por que ela agora encorajava Albert a viajar com ele?

— Você é toda a aventura de que preciso. — Albert olhou para Edward. — Eu já lhe disse que não tenho mais interesse em viajar. Não gosto que você tente usar Julia pelas minhas costas para me persuadir a mudar de ideia. Agora eu gostaria que você nos desse licença para que meu encontro com Julia possa continuar como pretendíamos.

— Albert...

— Com licença, Edward.

A impaciência transmitida pela voz do irmão alertou Edward de que, se ele continuasse naquele caminho, não conseguiria nada a não ser se distanciar de Albert. Depois de fazer uma breve reverência, ele se afastou do casal, das rosas e das sombras.

Precisava de um copo de scotch. Uma garrafa seria ainda melhor. Ele precisava beber até esquecer, até não conseguir mais se lembrar do calor de Julia em seus braços, nem recordar quão magnífica foi a sensação de ter aquela boca se movendo sob a sua. Ele precisava esquecer que a tinha desejado para si, ainda que pelo mais breve dos momentos.



Capítulo 1

Edward Alcott, irmão do Conde de Greyling, teve um fim intempestivo durante sua recente viagem pela África. Ainda mais

triste é saber que ele não conseguiu realizar nada digno de nota durante seus 27 anos nesta terra.

— *Obituário do Times, novembro de 1878*

Ele precisava de uma bebida – e muito.

Mas o dever exigia que ele ficasse a postos em frente à residência em Evermore, a propriedade ancestral em Yorkshire, e manifestasse sua gratidão aos poucos lordes e ladies que haviam comparecido ao funeral de seu irmão gêmeo naquela tarde.

— Fico muito aliviada que não tenha sido você, Greyling.

— Seu irmão era um ótimo dançarino, embora tivesse o costume de manter as mulheres escandalosamente perto durante a valsa.

— Uma pena ele ter partido antes de realizar um grande feito.

— Vou lhe dizer uma coisa, já perdi as contas das vezes em que seu irmão fez com que eu fosse parar debaixo da mesa de tanto beber.

Os cumprimentos continuaram, todos pintando o retrato de um malandro esbanjador. Não que algum dia Albert tivesse se importado com a maneira como seu irmão mais novo era visto, mas nesse dia isso o aborreceu, talvez porque os epitáfios fossem tão verdadeiros.

Seus amigos de infância, o Duque de Ashebury e o Visconde Locksley, estavam por perto, recebendo sua parte das condolências, pois todos sabiam que os quatro eram unidos como irmãos por terem sido criados pelo pai de Locksley. Embora Albert tivesse tido pouco tempo para falar com eles antes do funeral, desejava que os dois subissem em suas carruagens e fossem embora naquele exato momento, mas eles passariam a noite em Evermore, bem como Minerva, mulher de Ashe. Julia fez o convite pensando que o marido gostaria de passar mais tempo com eles. Ela não poderia estar mais enganada. Mas Albert sabia que a intenção da esposa era boa.

Julia era uma visão encantadora, ainda que envolta em preto, expressando com elegância sua gratidão àqueles que tinham comparecido. Ela tinha cuidado dos preparativos, enviando os cartões de luto, informando o vigário de como a cerimônia devia ser conduzida, garantindo que os convidados fossem alimentados antes de viajarem de volta para casa. Albert mal conseguiu falar com ela durante o dia, não que soubesse o que dizer, se tivesse tido a chance. Desde seu retorno, ele e a esposa tiveram muitos momentos de silêncio constrangedor. Albert sabia que isso precisava mudar, e logo.

Quando a última das carruagens partiu, Julia se aproximou, entrelaçando o braço no dele com um leve aperto.

— Que bom que isso acabou.

Mesmo inchada por causa da gravidez, Julia era a mulher mais graciosa que ele já tinha visto. Ela estendeu a mão enluvada e tocou o rosto dele.

— Você parece cansado.

— Foi uma semana longa. — Ele tinha voltado de viagem dez dias atrás, e sofreu a maior parte de seu luto e sua tristeza durante a longa e árdua jornada de volta para casa. Para Albert, esse dia era uma simples formalidade, era necessário passar por isso para poder seguir em frente.

— Eu preciso de uma bebida forte — Ashe disse quando ele, sua esposa e Locke se aproximaram.

— Eu sei onde podemos encontrar uma — Albert respondeu para o amigo. Depois de conduzir o grupo até o saguão, ele pôs a mão nas costas de Julia. — Ladies, as senhoras nos dão licença por alguns instantes?

Julia hesitou e ele pôde ver milhares de perguntas dançando em seus lindos olhos azuis. Albert não queria dispensá-la, mas estava desesperado por um drinque, e esperava que ela entendesse aquilo como uma vontade dele em passar um tempo a sós com os amigos. Depois de observar o rosto dele pelo que pareceu uma eternidade, ela concordou.

— Sim, é claro. — Virando-se para Minerva, ela sorriu, complacente. — Vou fazer chá.

— Nós não vamos demorar — ele assegurou às mulheres antes de seguir pelo corredor com os dois amigos logo atrás.

Assim que entraram na biblioteca, ele se dirigiu ao bar, serviu três copos de scotch e ergueu o seu:

— Ao meu irmão. Que ele descanse em paz. — Ele virou o conteúdo do copo de uma só vez.

Ashe tomou apenas um pequeno gole e arqueou a sobrancelha.

— Qual a chance de isso acontecer? Que diabos você está tramando, Edward?

O corpo dele congelou enquanto seu cérebro estudava a possibilidade de negar a acusação, mas havia muita coisa em jogo. Ele andou até a janela e observou a torre da igreja da vila, onde, apenas algumas horas antes, uma cerimônia tinha sido celebrada em sua honra. À distância, serpenteando através das colinas, estendia-se a estrada pela qual a carruagem fúnebre, preta e envidraçada, carregando o caixão laqueado com seus entalhes elaborados e suas alças lustrosas de metal, seguiu até o mausoléu da família, acompanhada pelos amigos de luto.

— Quando você percebeu que eu não era o Albert?

— Pouco antes do início do funeral — Locke disse.

— Você disse algo para Julia?

— Não — Ashe disse. — Nós pensamos que seria melhor contermos nossas suspeitas até confirmá-las. O que diabos você

está fazendo?

— Eu prometi ao Albert, quando ele estava no leito de morte, que eu faria o possível para garantir que Julia não perdesse o bebê que está para nascer. — Ela sofreu três abortos espontâneos durante o breve casamento, nunca levando uma gravidez a termo. — Fingir ser meu irmão pareceu a melhor forma de conseguir isso. Eu preciso saber como vocês descobriram a verdade. Se Julia desconfiar...

— Você perdeu o juízo? — Ashe vociferou.

— Baixe a voz — Edward pediu. Tudo que ele não queria era que os criados ficassem sabendo.

— Você acredita mesmo que vai conseguir enganar Julia? Fazê-la pensar que você é o Albert?

Ele vinha fazendo isso há pouco mais de uma semana. E tinha convencido a todos: os criados, o vigário, as poucas visitas, Julia. Mas não os dois amigos, e isso era um problema. Ele se virou.

— Albert não me deixou escolha, se eu quiser honrar seu pedido.

— A gravidez já está bem avançada, nessa altura Julia não tem mais chances de ter um aborto espontâneo — Locke disse, colocando-se ao lado de Ashe, como se juntos tivessem mais chances de convencer Edward de que esse ato de nobreza não passava de uma grande tolice, como se ele já não tivesse plena consciência disso.

Edward fuzilou-o com o olhar.

— Você é capaz de prometer que nada irá acontecer com Julia e o bebê? Pode garantir? Você sabe o quanto ela o ama... ou quanto ele a amava. Se ela souber que foi ele quem morreu, não vai desmoronar? Será que ela não vai adoecer com a tristeza?

Como resposta, Locke soltou um suspiro profundo e se aproximou do aparador, onde pegou uma garrafa e se serviu de mais scotch. Embora Edward tivesse conseguido estabelecer seu argumento, tirou pouca satisfação disso.

— Você faz alguma ideia do que essa fraude pode fazer com Julia? De como ela vai se sentir quando souber a verdade? — Ashe perguntou.

Era só o que ele pensava enquanto marchava pela selva arrastando o corpo do irmão, enquanto navegava pelo oceano na

direção da Inglaterra, enquanto viajava na carroça que transportava o caixão de madeira com o corpo do Conde de Greyling.

— Ela terá uma impressão ainda pior de mim. Imagino que irá me atacar com o objeto mais mortal que estiver à mão. E ficará devastada. Seu coração, despedaçado. E a vida perderá o sentido.

— Tudo isso é suficiente para que você perceba que é preciso contar a ela agora e não levar essa manobra adiante.

— Não.

— Então eu mesmo vou contar — Ashe disse, indo em direção à porta.

Edward o deteve, correndo para se colocar à frente de Ashe, bem quando este tocava a maçaneta.

— Toque nesta porta e eu acabo com você.

— Eu me recuso a permitir que você faça isso — Ashe disse e o fuzilou com os olhos.

— Você pode ser mais velho e ter um título mais elevado, mas esse assunto não lhe diz respeito.

Ashe contraiu o maxilar e balançou a cabeça.

— Com toda certeza isso nos diz respeito. Locke, diga-lhe que ele é um idiota e que não pode fazer isso.

— Infelizmente eu concordo com ele.

Ashe se virou, evidentemente perplexo. O homem que ele acreditava ser seu aliado estava com o quadril apoiado na beira da escrivaninha e segurando um copo de scotch.

— Você não acha que essa é uma má ideia?

— Eu tenho certeza de que é a pior ideia que um homem inglês teve desde que um antepassado decidiu se juntar às Cruzadas. Mas ele está certo. Não é da nossa conta e não devemos nos meter nessa história.

— Talvez você não se importe com a Julia, mas eu sim.

— Mas e se Edward tiver razão? E se contar a verdade para Julia fizer com que ela perca o bebê – o último presente que Albert deixou para ela –, como você vai se sentir?

Os ombros de Ashe caíram ligeiramente, ele recuou.

— Eu amava Albert como um irmão.

— Mas considerar alguém “como um irmão” não é o mesmo que ser um irmão — Locke disse. — Além disso, nenhum de nós estava

lá quando Albert deu seu último suspiro. Não ouvimos suas palavras finais nem testemunhamos o desespero que envolveu os dois.

Seja eu, ele tinha suspirado. *Seja eu*. Edward nunca imaginou o poder que duas palavras tão pequenas, seis letras, podiam conter.

— Você tem que ser sempre tão racional? — Ashe perguntou.

Locke ergueu o copo.

— Eu não reclamaria, se fosse você. O fato de eu ser racional contribuiu para que você conseguisse sua esposa.

Meneando a cabeça, Ashe voltou sua atenção para Edward.

— Você pensou em todos os detalhes? De quanto tempo ela está? Alguma coisa entre sete e oito meses? Vai ter que fingir amar Julia durante várias semanas, embora vocês dois nunca tenham se dado bem; toda Londres sabe que você praticamente não suporta ficar no mesmo ambiente que ela — Ashe disse, chegando ao cerne do que ele acreditava ser o desafio que Edward tinha colocado para si próprio.

Se fosse tão simples assim. Depois daquele beijo maldito e impensado no jardim, anos atrás, Julia nunca mais quis saber dele, mal tolerando sua presença. Não que ele pudesse culpá-la. E nos anos seguintes, o comportamento de Edward não foi nada exemplar.

— Eu analisei a questão de todos os ângulos.

Ashe franziu o cenho, e fechou as mãos em punhos.

— Se você seguir nesse caminho, não vejo nada além de um grande desastre no horizonte.

— Eu posso lidar com um desastre quando acontecer. Mas, no momento, minha preocupação é evitar uma desgraça *antes* que o bebê nasça. Eu sei que não vai ser fácil; os últimos dez dias, tentando me comportar como Albert, foram horríveis. E sei que não tenho conseguido imitá-lo muito bem, porque ela me observa como se eu fosse um quebra-cabeça com uma peça mal encaixada. Acredito que, até agora, Julia tem sido gentil e atribuído meu comportamento excêntrico e minha necessidade de isolamento ao luto. Mas eu sei que não posso usar essa desculpa por muito tempo, então preciso saber o que me entregou. Como vocês deduziram que era eu, e não Albert, andando por aí hoje?

— Não sei se posso ajudar você com isso — Ashe disse. — Eu não gosto de fraudes.

— E você acha que eu gosto? — Edward perguntou, a dor e a agonia de semanas de reflexão, culpa e dúvida deixando sua voz rouca. — Eu o convenci a ir comigo porque queria uma última viagem juntos. Fui egoísta. Eu queria que meu irmão me pusesse à frente dela e isso custou a vida dele. Agora, tudo que posso fazer é lutar para que isso não custe também a vida do filho dele. Foi tudo que restou do meu irmão. Eu daria tudo para que o corpo que foi enterrado naquela cova esta tarde fosse o *meu*, e não o dele. Mas isso eu não posso mudar. Então só me resta a capacidade de manter a promessa que fiz a ele. Não importa o preço a pagar, não importa que pareça loucura, eu não consigo pensar em nenhum outro modo de fazer com que Julia não perca o bebê. Então me ajude. Se você amava Albert do modo que afirma, me ajude.

Com um suspiro profundo, Ashe caminhou até o aparador e se serviu de uma dose generosa de scotch.

— Nós conhecemos vocês desde que tinham 7 anos. E embora os dois fossem idênticos na aparência, os trejeitos não eram. Você não costuma mexer na orelha direita.

— Ah, sim, droga. — Então ele mexeu na orelha, puxando-a até doer. Quando tinha 5 anos, Albert perdeu a audição do ouvido direito após Edward jogá-lo em um lago gelado. Depois disso, a orelha passou a doer de vez em quando, principalmente quando Albert refletia sobre um assunto – como quando pensava na melhor forma de fazer Edward pagar por algum erro.

— E você bebe scotch demais. E bebe muito rápido — Locke disse. — Imagino que você não tenha parado com isso.

— Não, mas só depois que ela vai para cama.

— E você não vai para cama com ela? — Ashe apertou os olhos.

— Deus, não. Por que eu iria? Não vou trair meu irmão, mesmo que ele esteja morto.

— Não posso falar por Albert, mas mesmo que eu não faça amor com minha esposa, durmo com ela aninhada em meus braços.

— Porque vocês dois estão repulsivamente apaixonados.

— Ele também estava.

Edward meneou a cabeça.

— Eles têm camas separadas. Estou seguro quanto a isso.

— Nós também temos. — Ashe inclinou a cabeça.

Soltando uma imprecação grosseira, Edward encheu o copo até a borda com mais scotch, andou até a área de estar junto à lareira e se deixou cair em uma poltrona confortável. Com certeza Julia teria dito algo se ele tivesse que se deitar na cama dela. A menos que atribuísse a ausência dele a uma necessidade de ficar sozinho. Quanto tempo levaria para que ela começasse a ficar preocupada, e isso a estressasse até a situação causar o que ele mesmo tentava evitar?

Ashe e Locke se aproximaram dele, ocupando poltronas próximas. Nenhum dos dois parecia feliz de estar ali, mas pelo menos já não o encaravam como se Edward fosse tão louco quanto o Marquês de Marsden.

Edward ficou olhando para as chamas da lareira, ponderando que passaria a eternidade contorcendo-se nas chamas do inferno.

— Eu pensei em ficar na África e enviar um telegrama para ela inventando alguma desculpa por nosso atraso, mas eu sabia que Albert iria me assombrar se eu a deixasse sozinha tão perto de dar à luz. Sei muito bem como os mortos assombram os vivos.

— O fantasma da minha mãe uivando no pântano não é nada além da loucura do meu pai — Locke disse.

— Mesmo assim, eu cresci com isso. — Edward olhou para os dois homens que eram como seus irmãos. — Vocês sabem se Albert tinha algum apelido carinhoso para Julia?

Os dois piscaram, entreolharam-se, e pareceram não saber o que dizer.

— Ele é do tipo de homem que teria — Ashe disse, enfim. — Mas nunca o ouvi chamá-la de nada além de Julia.

— Nem eu — Locke admitiu. — Devia ser algo reservado para os momentos de intimidade.

Maldição. Antes, Edward estava tão confiante de que conseguiria imitar bem o irmão, mas agora aqueles dois estavam revelando inúmeras coisas que ele não tinha considerado. Ele tinha conseguido até ali, mas a longo prazo teria que se esforçar e se concentrar mais.

— Eu ainda não organizei as coisas dele. Só as guardei. — Ele tinha colocado os baús dele próprio e de Albert no quarto que usava quando visitava o irmão, para lidar com isso mais tarde. — Talvez eu encontre alguma carta que ele tenha escrito que possa me dar

algumas respostas. — Possivelmente uma carta inacabada e que o faria sofrer. A morte deixava tantas coisas inacabadas.

— Você já pensou — Ashe começou devagar, batendo o dedo no copo que estava quase vazio — que vai ter que se abster por completo de qualquer relacionamento sexual? Considerando seu passado e seu apetite, isso vai ser um desafio e tanto, o qual não acho que você vai conseguir superar. Mas se ela souber que você está fornicando por aí, acreditando que é Albert sendo infiel a ela, isso pode muito bem fazê-la perder o bebê.

— Eu pensei nisso e pretendo ser casto como um monge. — Ele soltou uma risada autodepreciativa. — Pode não ser tão difícil como vocês imaginam. Nenhuma das minhas antigas conquistas veio ao enterro. E algumas delas eram ladies. — Edward reparou na ausência delas, bem como na ausência de lágrimas. Nenhuma lágrima derramada por Edward. Cristo, comparecer ao próprio funeral é uma experiência que torna a pessoa mais humilde.

— Edward... — Locke começou.

— Greyling — Edward corrigiu o amigo. — Para meu embuste ter alguma chance de sucesso, vocês dois precisam me reconhecer como o Conde de Greyling. Chamem-me de Greyling ou Grey, como faziam com Albert quando não estávamos só nós quatro. Só que agora devem fazer isso mesmo quando estivermos sozinhos, para não falharem quando não estivermos. — E ele precisava parar de pensar em si mesmo como Edward. Nos modos, pensamentos e atos, ele tinha que se tornar o Conde de Greyling. Pelo menos até Julia dar à luz ao herdeiro.

Então seria obrigado a fazer o que fazia de melhor: dar a ela outra razão para odiá-lo, revelando a verdade, partindo seu coração e destruindo o mundo dela.



Capítulo 2

Em morte, parecia que Edward Alcott estava realizando o que não tinha conseguido em vida: fazer Julia perder Albert. Desde seu retorno, Albert parecia encontrar qualquer desculpa para não ficar na companhia dela. Ela detestava estar sentindo aquele ciúme mesquinho do cunhado morto, só porque toda a atenção de seu marido se concentrava no irmão falecido; tanto que começava a duvidar de si mesma e a questionar o amor de Albert por ela.

Julia desejava, agora, não tê-lo encorajado a ir para aquela última viagem com Edward, mas ela sabia o quanto o marido gostava de viajar antes de ela entrar na vida dele. Abençoado fosse ele por sempre perceber o quanto ela se preocupava com a possibilidade de algo terrível acontecer durante essas expedições, então parou com as aventuras, o que tinha criado uma fissura entre os irmãos. Mas ela pensou que aquela viagem poderia ser boa para os dois, e tornaria Edward mais propenso a aceitá-la. Não era segredo para a aristocracia que os dois não se gostavam. Entristecia Julia o fato de ela não estar em uma relação amigável com o cunhado quando ele partiu deste mundo.

De repente, ela tomou consciência de uma mão se fechando ao redor da dela, que descansava sobre seu colo.

— Por onde andavam seus pensamentos? — Minerva perguntou.

As criadas tinham servido chá para elas, mas a bebida esfriou sem que nenhuma delas a provasse.

— Desculpe-me. Estou sendo uma anfitriã terrível.

— Bobagem. Nestas circunstâncias, você não deveria sentir a necessidade de ser anfitriã. Você parecia tão triste. Acho que algo além do funeral de Edward a está preocupando. Estou aqui para ouvi-la, se precisar conversar.

Enunciar suas dúvidas pareceu, ao mesmo tempo, fraqueza e traição, mas talvez outro ponto de vista pudesse ajudá-la.

— Albert não é o mesmo desde que voltou da viagem.

— Sem dúvida a tristeza o está afetando — Minerva procurou tranquilizá-la.

— É isso que venho dizendo a mim mesma. Mas ele tem estado tão distante, sem oferecer nem aceitar carinho. E isso não é próprio dele. Mas é provável que eu esteja sendo desagradável por me incomodar com a falta de atenção de meu marido num momento como este. — Mas como eles poderiam consolar um ao outro com Albert fazendo suas refeições no quarto, sem se deitar com ela?

— Você não é nada desagradável, mas duvido que ele consiga ser amoroso, dadas as circunstâncias.

— Não espero que ele queira fazer amor comigo. Sei que não estou muito atraente nesta condição, estou grande por causa do bebê, e, como você diz, ele está magoado. Mas um beijo carinhoso seria bem-vindo. — Mesmo um sorriso, um toque suave, alguma confirmação de que ele ainda gostava dela. Após meses separados, quando Albert finalmente volta para casa, só fica parado, olhando para ela como se mal a reconhecesse. Foi Julia quem passou os braços ao redor dele, quem o abraçou apertado. E as únicas palavras dele para ela foram: “sinto muito”.

Então os dois entraram em casa, como se aquilo tivesse sido o suficiente.

— Tenha paciência — Minerva sugeriu. — Os dois eram muito próximos.

— Eu sei que eram. Mas nós ficamos separados por quatro meses. Deveriam ser apenas três, mas a morte de Edward retardou a volta de Albert. Não que eu soubesse que Edward estava morto. A mensagem que Albert me enviou dizia apenas: “ATRASAREI.

RETORNO ASSIM QUE POSSÍVEL”. Eu apenas soube da verdade quando ele chegou em uma carroça que carregava um caixão de madeira. O fato de ele não ter compartilhado o fardo já é bastante estranho.

— É provável que ele não quisesse preocupar você, não em seu estado delicado.

— Ainda assim quero poder consolar meu marido. Nosso casamento sempre foi do tipo em que as alegrias são dobradas e os problemas divididos pela metade. Mas isso é apenas um pequeno indício do quanto ele mudou enquanto esteve fora. Durante esta semana, houve momentos em que senti que não o conhecia mais. Isso é ridículo. Ele é o meu Albert.

— E é nisso, minha querida, que você precisa se concentrar. Ele deve sentir como se tivesse perdido metade de si naquela selva. Os gêmeos pareciam ter uma ligação especial, muito mais íntima e forte do que os laços existentes entre a maioria dos outros irmãos.

— Eu sei que você tem razão. Eu apenas sinto como se ele estivesse querendo distância de mim.

— Homens são estranhos, sempre se esforçando para não demonstrar qualquer fraqueza. Desconfio de que ele tenha medo de precisar de você, então finge que não precisa. A última coisa de que ele precisa é que você seja insistente. Isso só irá fazê-lo recuar ainda mais. Homens são teimosos. Paciência é tudo que você necessita. Albert vai voltar ao normal.

Julia esperava que sim, pois não gostava nem um pouco daquela... esquisitice no relacionamento com ele. Fazia com que ela se sentisse mal.

— E como está se sentindo com relação ao bebê? — Minerva perguntou.

Agradecida pela mudança de assunto, Julia não conseguiu conter o sorriso ao pousar as mãos sobre a barriga.

— Maravilhosa. Feliz com a gravidez, apesar da tristeza pelo falecimento de Edward. Acredito que este vai conseguir crescer para brincar conosco. — Ela consultou o relógio sobre a cornija da lareira. — Eu acho que já demos tempo suficiente para eles tomarem seu scotch. Vamos encontrá-los?

Quando ela e Minerva entraram na biblioteca, os homens se levantaram em sinal de respeito, e a tristeza que os envolvia continuou com eles quando se sentaram, talvez até mais intensa.

— Desculpem-nos por termos demorado tanto — Albert disse. — Ficamos envoltos em lembranças. Perdemos a noção do tempo.

— Foi o que pensamos — Julia disse. — O jantar logo será servido. Talvez fosse bom que todos tirássemos algum tempo para nos arrumarmos.

— Ideia excelente — ele disse e virou o líquido âmbar que restava no copo. Com uma careta, ele apertou o maxilar e sua cabeça estremeceu de forma quase imperceptível. Ocorreu a Julia que Albert pareceu nunca apreciar a bebida com o mesmo entusiasmo que seu irmão.

Colocando o copo de lado, ele se aproximou dela, oferecendo-lhe o braço, e Julia inspirou seu aroma familiar de laranja-bergamota. Eles saíram da biblioteca em silêncio, sendo seguidos pelos outros com a mesma solenidade. Como o duque e o visconde eram mais do que amigos, Julia tinha providenciado quartos para eles na ala da família, no mesmo corredor da suíte dela e de Albert.

Quando chegaram à porta, ela se virou para os convidados.

— Podemos nos encontrarmos na biblioteca em meia hora?

— Deve ser tempo suficiente — Minerva disse. — Não é como se fôssemos trocar a roupa preta.

Não. Julia daria a Edward os seis meses integrais de luto que lhe eram devidos como irmão do marido. Ela entraria em parto de luto.

— Grey — Ashebury cumprimentou Albert com um aceno de cabeça, antes de conduzir a mulher pelo corredor.

— Obrigado por tudo, Julia — Locksley agradeceu em voz baixa e depois se dirigiu ao seu quarto.

Albert abriu a porta do aposento da esposa e a seguiu até lá dentro. Era a primeira vez que ele entrava no quarto dela desde sua volta. Ela não soube dizer por que sentiu uma palpitação no peito ao pensar nisso.

Olhando ao redor, pareceu passar apressado pela cama com dossel. Albert se aproximou da janela e olhou para as nuvens escuras que se formavam à distância. Era um dia frio, melancólico, mas ao menos não tinha chovido.

— Não tive a oportunidade de lhe agradecer por tudo que fez por... meu irmão. O funeral que você providenciou foi lindo. Você teve muito trabalho para dar a ele uma bela despedida.

Cautelosa, ela se aproximou, segurando-se para não tocá-lo. Ele parecia estar a ponto de desmoronar.

— Sinto muito por não ter vindo mais gente. — Julia tinha ficado chocada que tão poucos da nobreza compareceram ao funeral. Se não fosse pelos criados, que ela obrigou a comparecerem, a igreja teria ficado constrangedoramente vazia. — Acho que a distância e a ameaça de tempestade...

— Acho que Edward não era tão querido quanto ele imaginava.

— Nós recebemos muitas cartas de pêsames. Eu as coloquei em uma caixa preta sobre a sua escrivaninha, para que possa ler quando quiser. Acredito que você possa tirar algum consolo delas. — Ele estava triste demais, perdido em seu luto, para dar atenção à correspondência, então Julia tinha cuidado disso para ele.

— Sim, com certeza. — Ele focou o olhar no dela, e, como sempre, Julia se viu caindo nas profundezas. — Você é muito cuidadosa.

— Você diz isso como se estivesse surpreso.

Ele sacudiu a cabeça e voltou a olhar pela janela.

— Não, é só que... parece que eu não consigo lidar com a morte do meu irmão.

— Você vai conseguir. — Ela acariciou o braço dele. — Você vai. Nossa... eu preciso me sentar. Meus pés estão me matando.

Ele se virou.

— Você está com dor? Por que não falou nada?

— São só nos pés. Começaram a inchar, ultimamente. Eu só preciso colocá-los para cima e... Albert!

Ele a pegou nos braços como se ela não pesasse mais do que um travesseiro de penas, como se não fosse aquela criatura enorme. Então ele olhou ao redor, como se não soubesse o que fazer, agora que a segurava. O coração de Julia disparou e ela cravou os dedos no ombro dele. Albert não a carregava desde a noite de núpcias, quando ele a colocou na cama e...

A lembrança de quando os dois se tornaram marido e mulher fez seu corpo esquentar. Era óbvio que, nesse momento, os dois não

estavam prestes a fazer amor de forma frenética, como daquela vez.

Andando a passos longos e seguros, ele se dirigiu à cama, onde a colocou com tanto cuidado que ela se sentiu como se fosse feita de vidro. Com movimentos ágeis – que Julia não presenciava desde antes de Albert sair para a viagem –, ele colocou travesseiros para apoiar as costas dela.

— Você está confortável?

— Estou, mas uma cadeira teria sido suficiente.

— Onde está o gancho de botões?

— Na gaveta superior esquerda da cômoda, mas se eu tirar os sapatos agora, não vou conseguir calçá-los para o jantar.

— Você pode ir descalça. Não. — Ele sacudiu a cabeça e começou a se afastar. — Você não vai descer para o jantar. Vou mandar trazer uma bandeja para você.

— Não posso ignorar nossos hóspedes.

Parando de repente junto ao pé da cama, ele a fitou.

— Eles não são hóspedes, são da família. Vão ter que entender ou se ver comigo.

Julia não conseguia deixar de encarar aquele homem, seu marido, incapaz de se lembrar de uma única vez em que ele foi tão dominador. Ela não conseguiu entender por que achou aquele comportamento – e ele – tão atraente nesse momento. Ela sempre se sentiu atraída por ele, mas havia algo mais. Albert sempre se submetia a Ashebury, nunca o enfrentava. Não que houvesse necessidade disso, mas ainda assim...

Suspirando, ele passou a mão pelo cabelo antes de dar um passo na direção dela e envolver o pilar da cama com os dedos longos e grossos.

— Não queremos correr nenhum risco de você perder o bebê.

— Estou exausta — ela concordou, pesarosa. — Esses últimos dias foram cansativos. Mesmo assim, vou me sentir uma anfitriã terrível.

— Imagino que eles vão gostar de passar algum tempo sem minha companhia melancólica.

Aquelas palavras a assustaram.

— Você não vai acompanhá-los?

— Não vou deixar você aqui, jantando sozinha, depois do dia cansativo que teve que enfrentar. Não quando está sentindo um desconforto causado por causa de tudo que fez pelo meu irmão.

— Eu vou ficar bem.

— Bem não é o bastante.

Por um momento ela pensou ver Albert corar, antes que ele se virasse.

— Vamos tirar esses sapatos — ele disse.

Ela o observou ir até a cômoda, tirando o paletó no caminho e jogando sobre a cadeira próxima. Com o marido só de camisa, ela pôde ver que, durante os poucos meses longe, os ombros dele tinham ficado mais largos e a pele mais bronzeada por causa do impiedoso sol africano. Ela ficou perplexa por, num momento daqueles, sentir uma atração tão forte por Albert. Julia se sentiu egoísta por ter reclamado da falta de atenção dele, quando nesse momento Albert lhe dava mais do que ela esperava. Ela só queria que as coisas entre eles fossem como se o marido nunca tivesse saído para viajar, mas percebeu que a tranquilidade habitual que sentiam um com o outro poderia demorar a voltar. Ela precisava acreditar que voltaria.

Albert sentou na beira do colchão e, hábil, usou o gancho para soltar os botões de um sapato, depois do outro. Deixando o gancho de lado, ele puxou o sapato esquerdo. Julia fez uma careta de incômodo, depois suspirou de alívio quando seus dedos ficaram livres.

— Meu Deus — ele disse.

— Eu sei. É um horror como estão inchados. Sinto como se meus tornozelos fossem de um elefante.

— Você deveria ter dito algo antes — ele a censurou, tirando o outro pé do sapato com cuidado.

— Não fique bravo.

— Não estou bravo — ele disse, sem conseguir tirar os olhos do inchaço nos tornozelos dela. — Estou preocupado com você, Julia.

— O inchaço é normal. Não acredito que esteja correndo perigo de perder o bebê.

— Me dê um dos travesseiros que você não está usando — ele disse, apontando o queixo para o lado dela.

Com extrema delicadeza, ele o colocou debaixo dos pés de Julia.

— Acho que precisamos fazer o sangue circular — ele observou.

Albert colocou as duas mãos ao redor do tornozelo dela e as deslizou até o laço da meia. Julia prendeu a respiração enquanto esperava. Ter os dedos dele tão perto do ápice de sua feminilidade foi uma tortura deliciosa. Ele soltou lentamente as fitas, então desenrolou a meia de seda com cuidado, tirando-a pelos pés e colocando-a de lado. As mãos dele passearam pela outra perna, e Julia quase derreteu. Era ridículo o desespero com que ela queria as mãos do marido em si. Quando a outra meia foi posta de lado, ele voltou à primeira perna e começou a massagear a panturrilha. A mão dele subiu até o lado de trás do joelho, os dedos trabalhando ali por um momento antes de iniciarem a viagem de volta ao tornozelo.

— Diga se eu a estiver machucando.

— Está ótimo. — A pele da palma da mão e dos dedos dele parecia mais áspera, não tão lisa como era antes da viagem. Ela imaginou que ele devia ter passado muito tempo sem as luvas. Se as tivesse usado, as mãos não estariam tão bronzeadas.

— Estou grata pelo inchaço. Você nunca massageou meus pés antes.

Ele parou por uma fração de segundo até retomar os movimentos fluidos e relaxantes, oferecendo um sorriso tímido à mulher.

— Fui um grande idiota.

Ela riu pela brincadeira. Sentia falta disso. De apenas estar com ele, sem expectativas e sem responsabilidades.

— Você também nunca usou imprecações na minha presença.

— Parece que adotei os maus hábitos de Edward durante a viagem.

— Vocês devem ter visto coisas maravilhosas.

Levando as mãos ao outro tornozelo, ele concordou.

— Vimos, sim.

— Gostaria de ter viajado com você.

— Você mudaria de ideia num instante se Edward tivesse quebrado um ovo dentro do seu sapato e insistisse para que caminhasse com aquela gosma nos seus pés.

— Você está brincando?

Ele levantou os olhos para ela e, pela primeira vez, Julia não viu tristeza, e se encheu de esperança de que, talvez, a amargura não durasse pelo resto da vida dele.

— Serve para evitar bolhas.

— Como ele sabia disso?

— Leu em algum lugar. — Albert deu de ombros. — Ele estava sempre lendo, tentando fazer com que nossas viagens fossem o mais confortáveis possível.

— Você se divertia quando estava com ele.

— É verdade. Foi ótimo... até não ser mais.

— Acho que podemos batizar nosso filho com o nome dele. — Julia queria alegrar o marido naquele momento sombrio.

Albert baixou os olhos para a barriga dela, depois os desviou.

— Não. Nós não vamos batizar o herdeiro Greyling com o nome de um vagabundo egoísta. Ele vai receber o nome do pai, como deve ser.

Julia não soube como reagir diante daquelas duras palavras a respeito de Edward. Albert nunca tinha demonstrado qualquer raiva em relação ao irmão. Nem quando ele aparecia na casa deles completamente bêbado. Nem quando pedia mais dinheiro, após torrar todo seu rendimento. Ou quando homenzarrões bateram à porta deles porque Edward tinha uma imensa dívida de jogo. Albert mimava o irmão, parecendo pensar que aquele estilo de vida irresponsável era inofensivo. Ele nunca disse uma palavra grosseira a respeito de Edward. Até esse momento. Não era próprio dele.

Julia sentiu que ele se retraía, mas não queria perdê-lo. Não de novo. Enquanto ele continuava a massagem, as mãos desaparecendo de vez em quando debaixo da saia dela, Julia foi tomada por um pouco de malícia.

— Você é meu marido. É aceitável que levante minha saia acima dos joelhos.

— Não preciso dessa tentação.

Por mais que fosse impróprio naquele momento de luto, ela não conseguiu evitar sentir certa excitação.

— Você está tentado?

— Um homem sempre fica tentado quando uma mulher revela seus tornozelos.

— Então não sou especial.

Edward interrompeu a massagem e a encarou.

— Não foi o que eu quis dizer. Já não me sinto tentado por outras mulheres.

— Eu sei. — Ela abriu um sorriso doce. — Só estava provocando, tentando fazer você rir... aliviar um pouco a tensão.

— Nós vamos voltar a rir. Mas não hoje. — Ele deu um tapinha nos tornozelos dela e levantou. — Vou avisar nossos amigos que não vamos acompanhá-los no jantar.

— Meus pés já não estão inchados como antes. Se eu me sentar com eles apoiados em um banquinho...

— Não. É melhor jantarmos a sós. Não vou me demorar.

Ele pegou o paletó antes de sair do quarto. Com um suspiro, Julia se recostou nos travesseiros e remexeu os dedos dos pés. É melhor *jantarmos a sós*. A escolha de palavras dele não lhe passou despercebida. Agora que Edward tinha sido enterrado, quem sabe o marido voltaria para ela.



Ela tinha dedos minúsculos. Mesmo com o inchaço seus dedos eram pequenos e delicados. Por que diabos Edward achava os dedos dela tão intrigantes?

Quando entrou na biblioteca, ficou grato por ainda não haver ninguém à sua espera. Edward foi até o aparador, serviu-se de uma grande dose de scotch e a virou de uma vez. Ele tinha que tomar cuidado com o que dizia, para garantir que ela não duvidasse da devoção do marido. Ele não podia ficar falando dos tornozelos, das coxas ou de outros atributos encantadores de outras mulheres. Não podia dar nenhum indício de que achava outras mulheres atraentes. Embora, naquele momento, ele não conseguisse pensar em uma única mulher, além de Julia, que o atraísse. Ainda assim, precisava conter todos os seus impulsos naturais para não tirar vantagem da situação. Rapidamente, ele tomou outro copo de scotch.

Mesmo o impulso de beber demais precisava ser contido. Edward podia se safar por alguns dias, atribuindo-o à tristeza, mas duvidava que Julia já tivesse visto Albert se afogar em tantos copos. E se ele

ficasse bêbado, poderia cometer algum erro pavoroso que revelasse quem ele era. Embora isso pudesse muito bem acontecer quando estivesse sóbrio.

Edward se aproximou da escrivaninha e passou os dedos sobre uma caixa de ébano brilhante. Ele tinha reparado nela antes, mas deduziu que sempre esteve sobre a escrivaninha do irmão. No passado, Edward costumava visitar o irmão, mas nunca morou de fato ali, ainda mais depois que Albert se casou com Julia. A residência foi fechada com a morte dos pais, e quando Albert chegou à maioridade, voltou a Evermore, contratou uma nova equipe de criados e abriu a casa novamente. Edward conhecia alguns deles pelo nome, mas não dava a mínima para a maioria. Mas imaginava que o irmão conhecesse todos. Deus, ele tinha entrado em um atoleiro. Teria que dar cada passo com muito cuidado.

Ele voltou ao aparador, pegou a garrafa e parou com os dedos ao redor do cristal delicado...

Com uma imprecisão grosseira, ele levantou a garrafa e a atirou contra a parede, sem sentir nenhuma satisfação quando ela se espatifou em mil pedaços, deixando o líquido âmbar escorrer pelo painel de madeira escura.

— Não é fácil ser o Albert?

Com outra imprecisão, Edward se virou para encarar Locke, grato por não encontrar Ashe parado ali com a esposa. Ele quase deixou escapar que Julia tinha dedos dos pés minúsculos, como se Locke fosse se importar com isso.

— Julia está exausta. Não vamos jantar com vocês.

— Você tem medo de que nós possamos revelar algo.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Tenho mais medo de que eu revele.

— Puxe a orelha — Locke disse ao se aproximar. — Quando levar a mão ao cabelo, puxe a orelha.

— Certo. — Ele fez isso então, sabendo que era tarde demais. Albert puxava antes de falar, não depois.

Locke apoiou o quadril na borda da escrivaninha.

— Eu desconfio que ela seja mais forte do que você imagina.

Mas ela possuía os dedinhos mais delicados do mundo. E uma pele tão sedosa... No que ele estava pensando quando deslizou os dedos pelas panturrilhas e pelos joelhos dela?

— Não posso arriscar. O bebê é tudo que resta do meu irmão.

Edward não conseguia explicar o buraco que agora existia dentro dele, no lugar que Albert ocupava. Edward precisava que aquela criança sobrevivesse, tanto quanto Albert ao manifestar seu desejo.

— Eu era um bebê quando minha mãe morreu — Locke disse em voz baixa. — Cresci com um pai que lamentou a perda dela perpetuamente. Nada substitui tal perda.

— Não estou esperando que a criança substitua o lugar de meu irmão, mas devo a Albert este pequeno sacrifício. Estou decidido, e embora você saiba apresentar seus argumentos com muita habilidade, nada irá me fazer mudar de ideia.

Locke olhou para a sujeira causada pela garrafa que foi arremessada contra a parede.

— Talvez fosse bom você conter um pouco seu gênio.

Edward riu sem achar graça.

— Mais do que um pouco, eu diria. — Albert nunca demonstrou tal fúria.

Ao ouvir passos, ele se voltou na direção da porta a tempo de ver o duque e a duquesa entrarem. Locke só estava parcialmente correto sobre os motivos de Edward não jantar com eles. Edward temia que a duquesa o descobrisse. Ela era muito perspicaz.

— Os acontecimentos dos últimos dias esgotaram Julia — ele disse. — Eu e ela não vamos jantar com vocês.

— Imagino que ela vá jantar no quarto — a duquesa disse. — Talvez fosse melhor que eu jantasse com ela, dando aos cavalheiros um pouco mais de tempo para conversarem.

Ele puxou a orelha.

— Agradeço a oferta, mas acredito que já dissemos tudo o que tínhamos para falar um com o outro. Deixei minha esposa sozinha por tempo demais. Pretendo compensar isso agora. Vejo vocês no café da manhã.

Edward notou um brilho de aprovação nos olhos de Ashe; não que ele buscasse aprovação, mas parecia estar conseguindo se comportar mais como seu irmão. Mas ele teria que tomar cuidado

para não tropeçar no labirinto que era a vida de Albert com sua condessa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Os sedutores de Havisham 2 - O segredo..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).